

HEILBORN, Maria Luiza. “Corpos na cidade: sedução e sexualidade”, in: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 93-102.

### **Corpos na cidade: sedução e sexualidade**

Maria Luiza Heilborn<sup>1</sup>

Um dos elementos mais fortes da caracterização da identidade nacional brasileira tem sido a de um país sexualmente desinibido. A sentença de que ao sul do equador não existe pecado (Gasper von Baleus, 1660) veio a se constituir em uma marca poderosa no imaginário social, tendo sido reiterada por varios outros viajantes e cronistas dos costumes no Brasil bem como incorporada na literatura sociológica nacional (Gilberto Freyre, 1951).

O Rio de Janeiro encarna enquanto cidade uma espécie de modelo reduzido desse atributo. Corte no império e capital federal até 1960, a cidade ocupava no imaginário da nação o lugar de vanguarda de costumes e cosmopolitismo. Em parte decorrente dessas atribuições recaía sobre ela também uma aura de devassidão: efeito dos significados tributados ao (sub)mundo da política e do contato mais frequente com estrangeiros. A cidade tida por devassa aos olhos dos outras metrópoles do país pela condição de centro do poder político e principal polo turístico (Castro, nesse livro), o Rio de Janeiro destacava-se por apresentar uma moralidade liberal, em que o comportamento entre os sexos era menos contrito do que o restante do país. A imagem de uma cidade sexualizada se impunha.

Nesse imaginário a configuração geográfica e o clima tropical da cidade ocupam um papel proeminente. Às características físicas do espaço associadas à temperatura elevada em quase todos os períodos do ano é atribuída uma incitação à exibição dos corpos: os espaços abertos oferecidos pelas

---

<sup>1</sup> Doutora Em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação do Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

praias, parques e praças funcionariam como um convite permanente ao desvelamento dos corpos. Clima e natureza predisporiam à uma quase onipresente nudez: despojamento dos corpos que geraria um ambiente repleto de sedução. Evidentemente, nem o espaço físico tampouco o clima definem a exposição dos corpos. Essa disposição articula-se com características do processo civilizatório brasileiro em que o “encobrimento ritualizado do corpo” (Le Breton, 1995) nas interações sociais que singulariza o padrão clássico (francês) não se realiza aqui de forma plena.

A literatura sociológica brasileira (Freyre,1951;Hollanda, 1936; DaMatta,1979) tem definido nossa identidade nacional como uma sociedade “quente” “aberta ao contato”; onde as relações pessoais desempenham até hoje um importante papel na esfera pública. As fronteiras entre os corpos são menos marcadas quando comparamos com o caso francês: isto se expressa no modo como nos olhamos em público, como tocamos estranhos na rua, no uso acentuado do contato corporal para estabelecer relações. Na França, os contatos corporais, sejam o toque ou o olhar, ou ainda dirigir palavras a desconhecidos é rigidamente controlado na esfera pública (Peixoto, 1995). Estamos em presença de modelos contrastantes de adestramento dos corpos, que falam sobre processos civilizatórios distintos. O uso menos contido dos corpos no Brasil, que os faz mais permeáveis ao contato, produz um estilo extrovertido de prática amorosa, mais direta e de maior contato físico (Bozon e Heilborn,1996). A hipótese da cordialidade brasileira, longamente descrita pela nossa sociologia vem em apoio para explicar os usos sociais dos corpos no Brasil, e serve para iluminar no caso da cidade do Rio de Janeiro o lugar que ela ocupa como cenário propiciador da sexualidade e da sedução. Richard Parker (1995) em seu trabalho sobre a cultura sexual brasileira, tendo realizado seu campo nessa mesma cidade, incorporou essa representação entranhada no imaginário coletivo: a de uma sexualidade marcada pelo signo da transgressão. Transgressão que dialoga e convive com regras públicas de moralidade sexual, que entre quatro paredes são, no entanto, rompidas.

---



Da mesma maneira como as praias da zona sul foram sendo construídas na imagem da cidade como os lugares de beleza, o processo de ocupação do território e investimento imobiliário fez desses bairros lugares de prestígio para se morar e viver (Velho, 1975). A transformação da cidade a condição de um grande balneário aglutinava estilos de vida extremamente variados. Foi sendo constituído um contraste entre as áreas próximas às praias oceânicas e as zonas do centro e norte da cidade, delineando-se ambientes em que posturas corporais, códigos de relacionamentos entre os gêneros e de interação social nas quais os corpos ocupavam um plano mais ou menos central como forma de abordagem erigiram-se em estilos de conduta.

A proposição de Robert Park (1979) de que as cidades estão compostas por zonas morais pode ser utilizada aqui de um modo mais específico a partir de uma organização social do espaço em que o erótico é o critério de distinção entre as áreas da cidade.

Há um mapa, uma geografia do sexo que se desenha entre os bairros da cidade, e que ganha maior visibilidade na parte sul da cidade, pela concentração dos significados associados ao cosmopolitismo ligado ao turismo. Tal mapa registra lugares de sociabilidade que reúnem atores em busca de interação fundada na sedução para fins de troca sexual. O mapa erótico da cidade alterou-se ao longo dos anos, mas tomando-se a zona sul da cidade por esse signo, os bairros de Copacabana, Ipanema e Leblon são aqueles que condensam de maneira mais nítida esses significados. Copacabana se destaca entre eles pela profusão de bares da orla marítima, onde turistas se encontram com prostitutas, boates são pontos para garotas de programa (Gaspar, 1985), e pelas inúmeras áreas de encontro para homens que buscam outros homens para intercursos sexual e afetivo (Velho, neste livro). Os espaços de sociabilidade homossexual se

distribuem em trechos específicos das praias, em bares e saunas (Guimarães,1979) e somam-se ainda os diferentes territórios de “pegação”, que avançam em outros bairros, onde uma população de travestis é nitidamente visível (Denizart,1997). Cidade possuidora de um grande ritual como o carnaval, no qual a liberação sexual atua como um dos eixos centrais da festa, a metrópole carioca desponta no turismo internacional como cidade propiciadora de uma sexualidade desabrida e voltada para a sedução. É a um só tempo, templo da sexualidade homo e heterossexual. A famosa canção “Garota de Ipanema” celebra essa imagem, esmiuçando as técnicas corporais de balanço no andar rumo ao mar e a construção do corpo feminino, bronzado, oferecido aos olhos de quem a vê passar.



O Rio de Janeiro tem sido descrito como uma cidade que apresenta uma hierarquia simbólica do espaço organizada pela oposição sul-norte. Não se trata de uma segregação social simples de locais a partir da presença de segmentos mais afluentes e outros desfavorecidos, uma vez que as favelas incrustadas nos bairros mais valorizados ensejam a convivência de mundos sociais muito distantes. A história do desenvolvimento urbano da cidade a partir dos anos 40 altera os lugares valorizados de moradia. Os bairros mais do que divisões administrativas são suportes de estilos de vida diferenciados. A zona sul da cidade foi associada à modernidade, à riqueza, a cosmopolitismo. Tal classificação do espaço pode ser apreciada na maneira como a recente expansão da cidade na direção da Barra da Tijuca, essa parte da cidade foi incorporada como se fosse simbolicamente sul (Jaguaribe,1998). À zona norte e aos diferentes subúrbios da Leopoldina e da região da Central foram designados uma conotação moral de natureza mais tradicional e conservadora. Tal associação sempre esteve articulada com representações atribuídas aos segmentos sociais intermediários e inferiores das camadas médias e populares e às formas

de controle da vida social em tais locais, onde se superpunham redes de vizinhança e parentesco.

Esses mundos distintos coexistiam, embora o imaginário em torno das diferenças de estilos de vida, gostos e moralidade tornassem-nos aparentemente incomunicáveis. Com o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação de massa cada vez mais as ligações entre esses universos foram sendo estreitadas, um desses canais é viabilizado pela frequência comum das praias. Os encontros entre estilos de estar na praia, hábitos dos usuários, características de sociabilidade grupal foram objeto de estranhamento e discriminação por aqueles segmentos que se consideravam senhores do espaço. Mas o convívio é uma realidade, que promove contato entre mundos e mesmo, do ponto de vista dos que não são habitantes do “pedaço”, a projeção de mobilidade social através da interação sexual (Cechetto,1999).



Ricardo de Albuquerque é um subúrbio da região da Central que no início dos anos 80 pouco conhecido era pelos moradores da cidade. Compunha na memória dos cariocas como uma anônima estação da linha férrea. Naquela época era sobretudo residencial e pacato; mais recentemente o bairro adentrou o noticiários dos jornais como lugar de ocorrências criminais. Ricardo ostentava nos anos 80 um aspecto de quase cidade do interior, com cadeiras na calçada e namoro de portão. O namoro desenrolava-se idealmente na soleira da casa da moça sob o olhar vigilante do grupo familiar; a transição para dentro da casa representava uma passagem significativa de compromisso entre os jovens, na qual havia a forte expectativa de desembocar num casamento. Jovens então entrevistados que tinham entre 15 e 20 anos contrastavam em muito com os jovens moradores de bairros da zona sul da mesma faixa etária. Os valores que norteavam a visão de mundo da rede social então examinada consistia num estilo de determinação conservadora em que reproduzir o estilo de vida da geração parental retinha grande

expectativa. As regras de namoro bem como o caráter de drama ritualizado que envolvia na escolha do par e controle social exercido sobre ele, que envolvia o grupo de parentes assinalavam valores em torno da honra feminina como da importância da virgindade e do próprio casamento tanto para rapazes quanto para moças (Heilborn,1984), configurando um quadro tradicional de relações de gênero. O registro etnográfico das relações entre os jovens nessa localidade e tempo funcionou como um contraste com os atributos decantados pela sociologia da juventude de uma busca intrínseca por parte desse grupo etário de diferenciação simbólica frente à geração precedente.

Na mesma época na praia de Ipanema havia um ponto de encontro específico denominado “dunas do barato”, local de reunião de grupos de vanguarda, e cujo nome aludia à transformação temporária das areias da praia pela presença de uma obra de saneamento bem como ao uso difundido de drogas. Nesse espaço vigia uma atmosfera de carícias em público e de demonstração aberta de preferências sexuais. A ética prevalecente nos relacionamentos, e que transbordava os limites desse nicho social, era o da “amizade colorida”, termo hoje em total desuso que designava então um tipo de relacionamento que recusava a precedência de um vínculo sexual-amoroso sobre os demais que se pudessem manter concomitantemente (Heilborn,1981). Essa modalidade de relação era praticada então por pessoas um pouco mais idosas do que os jovens de Ricardo de Albuquerque, e assinalava contudo uma fórmula de relacionamento entre homens e mulheres mais igualitária, na qual o controle da conduta sexual feminina deixara de ser um elemento central. Vinte anos se passaram e o domínio das relações de gênero e de sexualidade muito se modificaram. Recentemente, apareceu uma nova forma de relação denominada “ficar”, que atualiza entre as gerações bem jovens tais mudanças, espalhada pelos diferentes segmentos sociais que compõem a cidade. O “ficar” representa um encontro que se estabelece geralmente em um espaço público (festa, boate): a atração entre dois sujeitos pode dar lugar a um contato corporal imediato, com beijos e carícias (até mesmo mais), sem que isso implique o menor compromisso entre os parceiros

(Schuch,1998). Essa forma de relação contrasta fortemente com o namoro, que foi descrito anteriormente.



Em uma outra incursão etnográfica sobre o tema da sexualidade e dos novos arranjos conjugais, o recorte social privilegiado foram integrantes de camadas médias de "perfil moderno", que integravam redes sociais de moradores dos bairros privilegiados da cidade. Caracterizavam-se por estarem comprometidos com uma moral de valorização da singularidade e liberdade individuais, de recusa da distinção hierárquica entre os gêneros e de aceitação da homossexualidade. Entre esses sujeitos também se notava a presença de um número relativamente alto de "casamentos", a não obrigatoriedade de ter filhos e da coabitação como regra conjugal (Heilborn,1995). A comparação entre casais hetero e homossexuais, revelou uma cultura comum, alicerçada em princípios éticos de valorização da dimensão psicológica dos indivíduos, de igualdade entre esses e de compromisso para com a mudança. O casal era a unidade primordial e não a família ou a descendência.

O contraste oferecido com a geração dos pais dos jovens de Ricardo é marcante no que toca às concepções sobre sexualidade e família, vindo reforçar a representação de que na metrópole carioca as diferenças entre estilos de vida e visões de mundo rebatem, ainda que de uma maneira não linear, na organização social do bairros; a oposição sul-norte fala de fronteiras morais significativas.



O procedimento comparativo entre culturas é o caminho mais adequado para colocar em relevo os mecanismos de ênfase e apagamento que modelam os sentidos, as técnicas que ensejam os usos

dos corpos. Ele permite a operação de estranhamento de maneira mais efetiva. Uma pesquisa dessa natureza foi empreendida sobre os modos de interação amorosa no Rio de Janeiro e Paris (Bozon e Heilborn,1996). Pelo contraste com outra sociedade, no caso a parisiense, pôde-se delinear de modo mais claro o lugar que o corpo ocupa na interação amorosa entre sujeitos no Rio de Janeiro. Mediante a coleta de depoimentos que relatam as formas de aproximação entre os sexos e os roteiros de iniciação sexual, realizada entre sujeitos que apresentavam inserções sociais assemelhadas, pôde-se observar um uso fortemente expressivo do corpo nos relacionamentos entre os cariocas, em contraste com a intensidade das trocas verbais entre os parisienses. Evidentemente o corpo se faz presente nas interações amorosas entre os franceses, mas o contraste entre os depoimentos tomados cá e lá faz salientar uma expressividade do corpo no Rio de Janeiro e um relativo apagamento deste em Paris. Diferenças no estilo de adestramento dos corpos, na modelação cultural das emoções e na construção de fronteiras entre os sujeitos devem ser debitadas a modalidades distintas de processos civilizatórios das duas sociedades (Elias,1990).

O argumento elisiano já é bem conhecido. A partir do século XVI na Europa, mas em particular na França, se presencia um processo de construção de fronteiras entre os corpos dos indivíduos, que simultaneamente implica a construção de um domínio de interioridade, desconhecida até então para os seres humanos. Este processo de controle das pulsões como ele denomina, se agencia através de regras de conduta, de uma etiqueta dos gestos, que delimitam o contato corporal entre os sujeitos , o modo de lidar com o próprio corpo e suas substâncias e uma demarcação dos contextos adequados, instituindo os limites entre público e privado. Trata-se de um conjunto articulado de fenômenos que encerra transformações gigantescas que codificam a intimidade e a afetividade.

A atividade dos corpos na sedução e na abordagem de um outro sujeito no Rio de Janeiro, o que é passível de ser estendido ao Brasil a partir da hipótese aqui sustentada da cidade poder ser tomada como



um modelo reduzido, é relatada em detalhes que descrevem a função que o corpo desempenha na montagem das relações. Ele é um parâmetro de avaliação da possibilidade e do estágio do vínculo que se está propondo. Se isso é particularmente verdadeiro para as relações que envolvem o interesse sexual também o é para os demais vínculos. Tocar o outro exprime uma ausência de regras de interdição que erijam fronteiras nítidas entre os corpos e encarna essa qualidade de abertura para o contato que molda a imagem nacional.

Nos encontros amorosos entre cariocas, a partir dos relatos dos homens, registra-se uma intensa atividade do corpo nesses primeiros contatos: olhares, sorrisos, carícias mais ou menos ousadas, e da parte das mulheres aparece uma queixa de que há pouca conversa entre os parceiros. Para os homens tais contatos são quase mecânicos, automáticos e contudo centrais para a aquisição de um estatuto viril para a identidade masculina. Furtar-se a essa atividade febril do corpo, ou sentir-se mal diante da expectativa de que ela assim se processe é motivo de grande inquietação para eles, levando-os a se perguntarem se são realmente homens (Heilborn, 1998).

A reivindicação feminina é de uma aproximação mais sentimental e menos física. Tal demanda deve ser entendida também no quadro mais geral do valor alocado à virgindade (que persiste no quadro comparativo com os depoimentos parisienses) e a uma estratégia de comprometimento do parceiro com uma relação de caráter mais duradouro. A expectativa de gerar um vínculo mais permanente marca de maneira significativa o contraste entre os gêneros. A sexualidade como um fim em si mesma não se constitui nesse universo, que se iniciou sexualmente na década de 80, como um valor. As mulheres aparecem assim como verdadeiras “civilizadoras” dos homens no que toca o manejo de gestos e palavras que não expressem exclusivamente o sexual. Mesmo considerando-se que o início da atividade sexual para as mulheres pode ser retardado no Rio, relativamente a Paris, em razão do valor social atribuído à virgindade, e de as cariocas se queixarem do extremado controle que os homens exercem sobre suas atividades, contudo são elas em verdade que controlam o início dos contatos sexuais mais íntimos,

entenda-se aqui a penetração vaginal. Resistência da mulher e insistência do homem fazem parte dessa divisão entre os gêneros. À mulher cabe julgar em que momentos ela pode conceder uma intimidade corporal maior, manejando seu capital simbólico de honra, afastando a possível pecha de mulher fácil. Franquear contatos corporais mais íntimos assim como dispor do corpo como um bem desejável são medidas necessárias para manter o interesse do homem em prosseguir com a relação. Um gradiente de sucessivas permissões acentua o fato de ser a (preservação da) virgindade, o ponto central da negociação. O modelo tradicional de relações de gênero, no qual a assimetria entre os mesmos não é posta em questão (como no modelo moderno anteriormente aludido) permite à mulher um espaço de manobra importante na gestão dos contatos sexuais. A sexualização crescente que se observa na recente modalidade do “ficar” reduz tal campo ao mesmo tempo que enseja uma aparente simetria entre os gêneros.

O cenário delineado a partir dos depoimentos parisienses é a da irrelevância do tema da virgindade. O termo nem mesmo chega mesmo a se fazer presente nos discursos masculinos e femininos. A primeira vez do ponto de vista de uma mulher reveste-se sobretudo de um colorido de decisão pessoal, de caráter íntimo, que não suscita avaliações de caráter moral, nem tampouco é objeto de controle por parte do grupo familiar. Nesse sentido, trata-se de um contexto moderno de entrada na sexualidade, na qual os valores em torno do indivíduo ditam as regras da iniciação. Assim, o contraste com o quadro descrito para o Rio de Janeiro é bastante acentuado, cabendo aos cariocas uma posição tradicional nesse ângulo de comparação. Tal quadro contudo se complexifica quando as diferenças entre os cariocas são colocadas em relevo; a distinção entre sujeitos com origem social de camadas médias e moradores de zona norte e subúrbios e aqueles moradores da zona sul da cidade é de novo significativa. Entre esses últimos observa-se com nitidez a não valorização da virgindade feminina. Eles se aproximam assim dos contornos modernos de concepção da sexualidade, centrada no indivíduo.



Apenas aparentemente a configuração das relações de gênero que marcava o contexto das relações no subúrbio, na qual a atenção concedida à virgindade feminina era expressiva, contradiz o regime de relativa espontaneidade no contato entre os corpos no Rio de Janeiro. O peso que o corpo apresenta nas interações sociais combina-se com um quadro tradicional de relações entre os gêneros no qual a preeminência masculina é um vetor. Maior contato e maior exposição podem ocorrer num quadro regulado de limites em que a sexualidade penetrativa é o foco: isso contudo não impede uma multiplicidade de usos sexualizados dos corpos.

A imagem veiculada da cidade de costumes libertários no que toca à sexualidade, de permanentes sedução e exibição dos corpos (Malysse,1998) pode ser assim matizada, em parte consentida, em parte negada pelos comentários etnográficos. Como palco de uma sociedade, quando comparada à parisiense, a metrópole revela uma certa uniformidade, produzida pela perspectiva distanciada do olhar. Contudo quando este se dirige para a lógica interna da cidade, avultam-se os estilos de vida diferenciados, os códigos culturais distintos. O Rio se multifaceta em cenários sexuais mais contrastantes, nos quais as diferenças de classe, a construção social dos gostos e corpos, a oposição simbólica e moral dos bairros fazem emergir sensíveis contrastes. A metrópole como forma exemplar da coexistência (hierarquizada) de mundos sociais diferentes possibilita o contato entre eles. No Rio áreas urbanas como as praias e situações sociais como o carnaval articulam pontos de encontro entre esses mundos.

## Bibliografia

- BOZON, Michel e LERIDON, Henri. 1996. "The social construction of sexuality". In: BOZON, LERIDON (eds.) *Sexuality and the Social Sciences*, Aldershot, Dartmouth, p.3-25
- BOZON Michel e HEILBORN Maria Luiza. 1996. "Les caresses et le mots :Initiations amoureuses à Rio de Janeiro et Paris"., In: *Terrain*, nº 27, Paris, p.37-58.
- CASTRO, Celso. 1999. Narrativas e imagens do turismo. In VELHO, Gilberto(org) *Antropologia Urbana: ensaios de cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CECHETTO, Fatima .1999. A turma do Andaraí: notas sobre masculinidade em um grupo de jovens. Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social/UERJ, mimeo.
- DaMATTA, Roberto. 1979. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar.
- DENIZART, Hugo. 1997. *Engenharia erótica- Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor
- ELIAS, Nobert. 1990. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor
- FREYRE, Gilberto. 1951. *Casa Grande e Senzala*, Rio de Janeiro, José Olympio
- FREYRE, Gilberto. 1951. *Sobrados e Mocambos*, Rio de Janeiro, José Olympio.
- GAGNON John e SIMON William. 1973, *Sexual conduct. The social source of Human Sexuality*, Chicago, Aldine.
- GASPAR, Maria Dulce, 1985. *Garotas de Programa*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor
- GUIMARÃES, Carmen Dora, 1979. O homossexual visto por entendidos. Dissertação de mestrado. Museu Nacional, mimeo.
- HEILBORN Maria Luiza. 1981- Compromisso de modernidade, paper, Museu Nacional, mimeo.

HEILBORN Maria Luiza. 1985, “ Visão de mundo e ethos em camadas médias suburbanas no Rio de Janeiro ” in *Ciências Sociais Hoje 1984*, São Paulo, Cortez.

HEILBORN, Maria Luiza “Gênero e Hierarquia: a costela de Adão revisitada in *Revista Estudos Feministas* volume 1, número 1 CIEC/ECO/UFRJ,1993.

HEILBORN, Maria Luiza 1995.O que faz um casal, casal? - conjugalidade e igualitarismo em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara Torres (orgs.) *Família e Sociedade Brasileira: desafios nos processos contemporâneos* - São Paulo, Edições Loyola.

HEILBORN, Maria Luiza.1998. A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas In: *Revista Estudos Feministas* volume 6, número 2 IFCS/UFRJ, pp. 396-405.

HOLLANDA, Sergio Buarque. 1936. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio LAGRANGE, Hughes e LHOMOND, Brigitte, 1997. *L'entrée dans la sexualité. Le comportement des jeunes dans le contexte du sida*, Paris, La Découverte.

JAGUAARIBE, Beatriz. 1998. A Barra da Tijuca e as estéticas do consumo in Fins de século- cidade e cultura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rocco.

LE BRETON, David. 1995. *Anthropologie du corps*. Paris, PUF.

MALYSSE, Stéphane.1998. Em busca do corpo ideal: culto feminino ao corpo na zona sul do Rio de Janeiro In: *Sexualidade, Gênero e Sociedade* n.7-8. Programa em Gênero, Sexualidade e Saúde, Instituto de Medicina Social/ UERJ pp.12-17.

PARK, Robert 1979. A cidade:sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano in VELHO, Otávio (org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.

PARKER, Richard. 1995. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*, São Paulo, Editora Best Seller.

PEIXOTO, Clarice. 1995. “Les modes d’appellation dans les lieux publics. Une comparaison entre la France et le Brésil”, *Ethnologie Française*, nº 4, p.559-568.

SCHUCH, Patrice 1998. Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, UFRGS, 1998.

VELHO, Gilberto. 1975. *A utopia urbana*. Rio de Janeiro, Zahar.

VELHO, Gilberto. 1999. Os mundos de Copacabana in --- *Antropologia Urbana: ensaios de cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.